

PSICANÁLISE

Éric Smadja

Trabalho de casal, trabalho com casais

Blucher

TRABALHO DE CASAL, TRABALHO COM CASAIS

Éric Smadja

Tradução

Caio Liudvik

Revisão técnica da tradução

Celia Blini

Eliana Riberti Nazareth

Trabalho de casal, trabalho com casais

Título original: Travail de couple, travail avec les couple

© Editions in press, 2024

© 2025 Éric Smadja

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Ana Cristina Garcia

Produção editorial Juliana Midori Horie

Tradução Caio Liudvik

Revisão técnica da tradução Celia Blini e Eliana Riberti Nazareth

Revisão de texto Equipe editorial

Diagramação Fabricando Ideias Design Editorial

Capa Equipe editorial

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua, CRB-8/7057

Smadja, Éric

Trabalho de casal, trabalho com casais / Éric Smadja ;
tradução Caio Liudvik ; revisão técnica da tradução
Celia Blini, Eliana Riberti Nazareth. – São Paulo :
Blucher, 2025.

240 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2711-3

Título original: Travail de couple, travail avec les couples

1. Psicanálise 2. Casais – Psicologia 3. Relações
conjugais – Aspectos psicológicos I. Liudvik, Caio II.
Blini, Celia III. Nazareth, Eliana Riberti IV. Título

25-4619

CDD 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise CDU 159.964.2

Conteúdo

Apresentação	9
--------------	---

PARTE I – TRABALHO DE CASAL

Introdução	17
1. Amor, estado amoroso, tempos estruturais, organizadores psíquicos do casal e trabalho de escolha do objeto conjugal	27
2. O trabalho de casal no nível individual-intrapsíquico	55
3. O trabalho de casal no nível : constituição de uma neurose intertransferencial	69
4. O trabalho de casal no nível grupal	97
5. Trabalho de casal e temporalidade	119

PARTE II – TRABALHO COM CASAIS

Algumas considerações introdutórias	143
-------------------------------------	-----

1. Os casais em sofrimento e as circunstâncias da consulta	147
2. As entrevistas preliminares ou o “encontro” com o casal	171
3. O trabalho e seus aspectos técnicos	185
Algumas reflexões conclusivas e perspectivas	229
Bibliografia	237

Apresentação

Já se passaram mais de dez anos desde que, em *Le couple et son histoire*¹ [O casal e sua história] (2011), eu iniciei uma exploração do casal seguindo uma abordagem plural e interdisciplinar – integrando a história, a antropologia, a sociologia e a psicanálise –, em que relatei várias histórias: sua história sociocultural, que começou pela instituição do casamento; a de sua construção enquanto objeto de conhecimento e de tratamento psicanalítico, cujos fundamentos foram estabelecidos por S. Freud e depois por M. Klein, D.W. Winnicott e W. Bion; sua história natural ou ciclo da vida conjugal, desde o encontro dos dois parceiros até seu envelhecimento juntos; enfim, as histórias dos casais em sofrimento que vão consultar um terapeuta de casal e empreendem um trabalho psicanalítico conjunto.

Tratou-se de uma primeira *ordenação e formatação* de uma pesquisa que se esforçou então em construir uma representação geral do casal, unificada e inteligível, embora inevitavelmente heterogênea.

1 Smadja, É. (2011), *Le couple et son histoire*, PUF.

Além disso, estabeleci algumas bases fundamentais e introduzi noções e conceitos, tais como:

- sua realidade multidimensional, corporal-sexual, sociocultural e psíquica, esta organizada segundo três níveis estrutural-funcionais, grupal, intersubjetivo e individual-intrapsíquico;
- sua natureza essencialmente ambivalente, conflitual e crítica;
- a noção de neurose inter-transferencial que constitui parcialmente todo casal no nível intersubjetivo;
- suas conflitualidades estruturais, externas, de ordem histórica e sociocultural, e internas, tanto individuais-intrapsíquicas quanto intersubjetivas;
- o conceito de trabalho de casal;
- o conceito de cultura conjugal e de identidade conjugal;
- os princípios fundamentais de uma técnica específica de trabalho com os casais.

Depois, em 2013, em *Couples en psychanalyse*² [Casais em psicanálise], convidei alguns colegas terapeutas de casais a apresentar, mediante o relato de uma história de terapia, por um lado, uma problemática conjugal inerente à história de todo casal, tal como a vida erótica, o desejo de filhos e a etapa crítica do nascimento de um filho, e, por outro lado, uma situação dolorosa frequentemente encontrada: as violências conjugais e a extraconjugalidade.

Essas duas obras formam assim um díptico.

Desde então, dez anos já se passaram, e como o tempo passa rápido! Eles foram marcados, notadamente, por numerosas publicações desenvolvendo certos aspectos do casal, viagens de conferências e seminários de formação, no curso dos quais apresentei minhas ideias sobre o casal e sobre o trabalho psicanalítico com os casais, o que

2 Smadja, É. (2013), *Couples en psychanalyse* (org.), PUF.

me ofereceu a oportunidade de encontrar colegas e públicos variados e estimulantes. Além disso, evidentemente segui minha atividade de psicanalista de casais e de leitor de obras, o que inevitavelmente nutriu e enriqueceu meu trabalho de pensamento sobre essa realidade que imaginei então bem mais complexa.

Todavia, o antropólogo que sou, igualmente sentiu com força esse desejo tão antigo de trabalhar em outros objetos de pesquisa, particularmente investidos, notadamente em concepções freudianas da sociedade e da cultura (*Freud et la culture*³, 2013), e depois em um *fragmento* de história das ideias em ciências humanas e sociais em torno dos caminhos da descoberta do simbolismo e da simbolização, individuais e coletivos, descoberta revolucionária realizada por esses pais fundadores das ciências humanas e sociais que são Freud, Durkheim e Mauss. Trata-se de *On symbolism and symbolisation: The work of Freud, Durkheim and Mauss*⁴ (2018).

Desde então, minha pulsão de investigação, sempre tão vivaz, me *forçou* a revisitar o casal, desta vez exclusivamente em sua realidade psíquica, e a encarar, por um lado, as modalidades de uma exploração metapsicológica, sustentada pelas reflexões de autores que não são especialistas em casais, mas que são muito inspiradores e estimulantes nessa nova pesquisa. Citaria, em especial, Freud, M. Klein, D.W. Winnicott, W. Bion, D. Anzieu, G. Bayle, M. Bouvet, C. David, J.-L. Donnet, M. Fain, A. Green, B. Grunberger, R. Kaës, É. Kestemberg, S. Lebovici, P. Luquet, P. Marty, M. De M'Uzan, C. Parat, P.-C. Racamier, B. Rosenberg, R. Roussillon, J. Schaeffer.

E ainda, por outro lado, a repensar o trabalho psicanalítico com os casais, igualmente apoiado nos escritos de autores, psicanalistas

3 Smadja, É. (2013), *Freud et la culture*. PUF.

4 Smadja, É. (2018), *On Symbolism and Symbolisation: The Work of Freud, Durkheim and Mauss*, Routledge.

individuais (P. Denis, A. Green e M. Neyraut), grupanalistas (D. Anzieu, R. Kaës) e de casais (J.-G. Lemaire).

Com efeito, todos esses autores me ajudaram a revisitar os três níveis “estrutural-funcionais” que eu já havia identificado, diferenciado e explorado, particularmente.

Munido de suas elaborações conceituais tão diversas, ricas e fecundas, eu podia enfim me situar melhor no seio desse universo tão complexo, tanto pela pluralidade e heterogeneidade de seus materiais, quanto por seus tópicos, compostos de múltiplos espaços, estratos e redes de relações de interdependência, mas também por sua dinâmica, plural e multilocal, animada por forças, conflitualidades e, enfim, por sua economia atravessada por correntes de investimentos pulsionais de natureza tão diferente.

Quanto ao meu trabalho com casais, pude pensar e teorizar meu método, as características da situação analítica com os casais – produzindo em particular um *grupo terapêutico* cujo papel será fundamental –, seu enquadre, a dinâmica processual, assim como as especificidades da dinâmica transferencial e contratransferencial, certas características do analista no trabalho, mas também certos aspectos técnicos de meu trabalho, táticos mas também interpretativos, sempre em referência ao trabalho individual e ao trabalho com grupos. Isso me permitiu diferenciá-lo e singularizá-lo.

Proponho então dois painéis formando um díptico.

O primeiro, “trabalho de casal”, comporta uma exploração metapsicológica do trabalho de casal nos três níveis estrutural-funcionais (individual-intrapsíquico, intersubjetivo e grupal) (capítulos 2, 3 e 4).

Essa investigação é precedida por uma introdução que recorda o essencial do conceito de trabalho de casal e por um capítulo 1 consagrado ao amor, ao estado amoroso e aos principais tempos estruturais

e organizadores psíquicos do casal, depois ao trabalho de escolha do objeto conjugal e sua historicidade.

Esse primeiro painel se encerra com o capítulo 5, consagrado ao papel desempenhado pelo trabalho de casal na temporalidade conjugal. Assim, oferecemos algumas reflexões metapsicológicas, depois abordaremos a essência crítica de todo casal, algumas perspectivas evolutivas, os fatores de durabilidade de um casal vivo. Enfim, introduziremos as modalidades de um questionamento sobre a separação dos dois parceiros e a ruptura correlata do casal.

Realçemos que não abordarei o universo heterogêneo e complexo dos casais homossexuais, homens ou mulheres, notadamente porque penso que seu trabalho de casal não comporta grandes diferenças em relação aos casais heterossexuais. Os aspectos tópicos, dinâmicos e econômicos, quer sejam individuais-intrapsíquicos, intersubjetivos ou grupais, apresentam fortes semelhanças. Além disso, viver em casal apresenta as mesmas problemáticas fundamentais para os homossexuais e os heterossexuais. Uma das principais diferenças se refere ao tipo de escolha de objeto, heterossexual ou homossexual, com sua historicidade própria.

Ademais, cabe-nos evidentemente diferenciar os casais amorosos ou conjugais e os casais que se tornaram parentais. Contudo, minha exploração do trabalho de casal nos três níveis estrutural-funcionais não os distinguirá particularmente. Por outro lado, poderei refletir sobre as relações dinâmicas e econômicas entre a dimensão amorosa-conjugal e parental de todo casal no contexto do trabalho de casal.

O segundo painel, “trabalho com casais”, é condicionado e sustentado por essa nova abordagem metapsicológica.

Ele começa por considerações introdutórias, epistemológicas e metodológicas, e então apresenta um primeiro capítulo, clínico, consagrado à diversidade das circunstâncias da consulta de casais em sofrimento. O capítulo 2 evoca a tomada de contato com o analista,

as entrevistas preliminares ou o “encontro”, depois os critérios de avaliação e de decisão de um trabalho com os casais. Enfim, o último capítulo desenvolve os aspectos técnicos, tanto táticos quanto estratégicos, do trabalho do analista, assim como certos aspectos de seu próprio trabalho psíquico em sessão com um casal. As características da atividade interpretativa serão ilustradas por uma situação clínica muito sugestiva, que será seguida pelos efeitos esperados e pelos benefícios de um trabalho com casais.

PARTE I

TRABALHO DE CASAL

Introdução

Rememoração do conceito de trabalho de casal

A construção de um casal e sua durabilidade *viva* provêm de um trabalho não só de ordem psíquica, mas também de ordem sociocultural e corporal-sexual, é um trabalho de casal, conceito que introduzi em 2011 em *Le couple et son histoire*.

Rememoremos o essencial desse conceito, em sua multidimensionalidade, seus fracassos e funções.

Esse conceito interdisciplinar de trabalho de casal nos ajuda a interpretar os fatos conjugais como pertencentes a cada uma das três realidades – corporal-sexual, psíquica e sociocultural –, dotadas de sua temporalidade própria, mas também a compreender suas articulações necessárias, bem como suas insuficiências.

Esse trabalho de casal é realizado conjuntamente pelo ego de cada parceiro a serviço dos interesses do casal. Investido por uma parte mais ou menos importante, esse trabalho mobiliza os níveis, inconsciente, pré-consciente e consciente, e comporta aspectos tópicos, dinâmicos e econômicos. Ele se realiza, pois, no seio das três realidades do casal já descritas, a temporalidade de cada qual condicionando

a do trabalho respectivo. Deve poder criar conflitos e realizar ligações flexíveis, dinâmicas e econômicas entre essas três realidades, assegurando um funcionamento conjugal sustentável, duradouro e satisfatório, tanto para o casal quanto para cada um de seus dois membros. Todavia, ele não pode ser pensado fora de sua relação antagonista, permanente e estrutural, com o *trabalho individual* ou *trabalho do indivíduo*, realizado a serviço de cada parceiro. Assim, ao longo do tempo, como o ego de cada um deles partilhará seus investimentos entre o trabalho individual e o trabalho de casal? Em outras palavras, quais partes poderá consagrar a si próprio e ao casal? Além disso, inevitáveis diferenças se manifestarão entre os dois parceiros, quanto a esse antagonismo, mas também acerca do investimento preferencial dessa ou daquela realidade conjugal, que poderão ser ou não compensadas pelo trabalho do conjunto. Essas diferenças serão variáveis ao longo do ciclo conjugal, mas poderão igualmente se mostrar congeladas, o que acarretará o risco de determinar dificuldades conjugais.

Na sua *realidade sociocultural*, o casal conjugal-amoroso deve necessariamente constituir um “casal de trabalho” que lhe forneça os meios materiais de sua existência social, posicionando-o na vasta e complexa estrutura social estratificada e diferenciada. Assim, o trabalho de casal comportará um trabalho doméstico, um trabalho de socialização conjugal, um trabalho parental (quando o casal conjugal se tornar casal parental), entre outras formas que se inscrevem no quadro mais geral do trabalho de elaboração de uma cultura e de uma identidade conjugais, tornado possível pelo trabalho prévio realizado no seio da realidade psíquica.

Esse “casal de trabalho” corresponde a um dos dois níveis de funcionamento conjugal, se nos referirmos às concepções de W.R. Bion¹

1 Bion, W.R. (1953). *Recherches sur les petits groupes*. PUF, 2000.

(1953) e de D. Anzieu² (1975) sobre os grupos. O outro é o “casal fantástico”, em interrelação com ele, que vai se alimentar de fantasias, de investimentos pulsionais, mas também limitá-lo por angústias e medidas defensivas. Esse “casal de trabalho” representa uma cooperação consciente e voluntária dos dois parceiros na realização de tarefas comuns e diferentes, em relação com a existência material e social do casal. Ele comportaria, segundo esses autores, as características do ego, aqui o “ego conjugal” regido pelo princípio da realidade e animado pela lógica de funcionamento dos processos secundários. Essa comparação, evidentemente, não é exclusivamente racional, “secundarizada”, mas também penetrada e até mesmo perturbada por uma circulação emocional e fantasística, consciente e inconsciente, estimulante ou paralisante.

No seio da *realidade corporal-sexual*, me parece que o trabalho de casal consiste em: investir e manter os investimentos do corpo do outro, de natureza narcísica, erótica, terna e agressiva; construir representações de corpos sexuais separados e uma “fantasia de acoplamento [*couplage*, termo que remete a *couple* (casal) (N.T.)] psicocorporal”; identificar-se com o outro, mobilizando para isso sua própria bissexualidade psíquica; comunicar segundo diversos modos, verbal e não verbal, comportamental, mimogestual, por exemplo mensagens narcísicas, eróticas, ternas, agressivas. Tudo isso se traduzindo, em particular, por uma capacidade de se ocupar do corpo do outro, de ser seduzido pelo seu corpo, de seduzi-lo por seu próprio corpo, de rejeitá-lo igualmente como um sinal de alerta.

Uma interrogação se põe quanto ao destino das “organizações psicossomáticas” de cada membro, ao longo da vida conjugal. Serão elas melhor protegidas de traumas desorganizadores quando o

2 Anzieu, D. (1975). *Le groupe et l'inconscient*, Dunod.

trabalho de casal é satisfatório, ou seja, quando ele pode ter, em particular, efeitos paraexcitantes?

No caso contrário, os incidentes corporais do trabalho serão potencialmente nefastos, porque traumatogênicos e, pois, desorganizadores – exprimindo então um fracasso desse trabalho? Uma reflexão sobre uma *psicossomática do casal* deveria ser introduzida, questionando, notadamente, o papel do casal e do trabalho de casal, mediante suas diversas modalidades de participação, na economia psicossomática de seus parceiros. Inversamente, poderíamos interrogar os incidentes de uma desorganização somática vivida por um dos membros nos três registros da realidade conjugal.

E quanto à sexualidade do casal? Ela é diversificada em seu repertório de práticas, proporciona satisfações de natureza narcísica, erótica (pré-genital e genital) e agressiva. Nos casais heterossexuais, as duas correntes libidinais, a hétero e a homossexual, poderão ser satisfeitas seja diretamente, para a primeira, seja de um modo fantasístico pela identificação ao parceiro, para a segunda. Seu investimento será variável em função da cultura conjugal, das etapas do ciclo conjugal, da evolução de cada parceiro e da economia de seus investimentos, da evolução da relação intersubjetiva deles em alguns de seus aspectos, em particular. Poderá realizar um certo equilíbrio com a sexualidade autoerótica de cada qual.

Se o discurso psicanalítico evoca a realização de um estado de completude narcísica (Grunberger), o reassseguramento sobre sua integridade narcísica (Green), a aquisição de um sentimento de segurança psíquica, o fato de viver “bem” (Klein), mas também a realização da fantasia do “corpo comum imaginário”, fantasia de bissexualidade negando a diferença dos sexos, a castração e a alteridade, ele sublinha igualmente o necessário trabalho psíquico subjacente, o trabalho individual (“trabalho do feminino”, de J. Schaeffer, por exemplo) combinando-se com o do parceiro, mobilizando a diferença dos sexos e a bissexualidade de cada qual, identificações múltiplas, a gestão de

angústias pré-genitais e genitais e certos conflitos específicos: aquele entre a dimensão erótica, com o caráter retensivo do desejo, e a da descarga pulsional (Fain e Braunschweig), mas também entre a sexualidade e o desejo narcísico de indiferenciação, enfim, entre sexualidade e autoconservação.

A temporalidade corporal-sexual apresenta uma discrepância inevitável com as temporalidades psíquica e sociocultural, o que é fonte de conflitos e de angústias, sobretudo quando do envelhecimento dos parceiros. O trabalho de casal se esforçará para resolvê-lo mediante ajustes e melhores ligações entre as três realidades componentes do casal.

E quanto ao trabalho de casal no seio da *realidade psíquica*?

O *grupo conjugal* existe quando se operou entre os parceiros uma construção psíquica comum e partilhada, uma “psique conjugal” que a partir de então funcionará enquanto tal e que produzirá, em particular, “formações conjugais de compromisso”, elas mesmas comuns e partilhadas. Essa psique conjugal resulta então de um trabalho de “conjugação” e de conflitualização de partes de cada psique individual mobilizadas para construir esse grupo conjugal. Essa realidade grupal provém igualmente da combinação de alianças inconscientes, estruturantes, defensivas e ofensivas (Kaës³, 2009).

A convergência das fantasias dos dois parceiros e sua elaboração unificadora produziriam então formações de compromisso como ideologias, mitologias, utopias (Anzieu, 1975) que orientarão e determinarão as representações gerais da vida conjugal, as atividades cotidianas, os projetos, tal como terão incidências sobre os diferentes tipos de trabalho realizados, e finalmente sobre a elaboração de uma cultura e de uma identidade conjugais.

3 Kaës, R. (2009), *Les alliances inconscientes*. Dunod.

O *grupo conjugal* é também provido de um “corpo vivo, comum e partilhado, fantasístico”, lugar de residência de sua psique. O casal é, com efeito, fantasisticamente vivido por seus dois membros não apenas como um “corpo vivo matricial”, mas igualmente investido como um ser vivo em crescimento, que tem necessidades vitais, psíquicas e funcionais a satisfazer e que inevitavelmente atravessará períodos críticos mutativos e maturativos.

O *espaço intersubjetivo*, animado de conflitualidades estruturais, articula sistemas de relações de objeto de cada qual, realiza um jogo cruzado de identificações e de projeções, e põe em relação os complexos de Édipo e fraterno dos dois parceiros, o que contribui à constituição de uma neurose inter-transferencial.

Quanto ao *espaço individual-intrapsíquico*, ele é também animado por uma pluralidade de conflitos, geradores de angústias e de medidas defensivas correlatas, que cada parceiro deverá tentar resolver para aceitar entrar na relação conjugal e cocriar o grupo conjugal: entre o ego e o objeto amorosos, o ego e o objeto-casal, entre os objetos amorosos e objeto-casal, identidade e alteridade, mas também entre os objetos partilháveis e não partilháveis de cada qual.

Evoquemos agora as incidências do trabalho de casal sobre os dois parceiros e seus fracassos.

Se compreendemos a vida de casal de cada qual como a expressão da articulação dinâmica necessária de um trabalho de casal e de um trabalho individual, com suas partes respectivas, combinando-se aos efeitos do trabalho de casal do conjunto, poderá ela ser sobretudo benéfica para uns e sobretudo nefasta para outros? A resposta está também ligada à existência de eventuais fracassos do trabalho de casal. Quais serão? Eles devem ser concebidos de diversas maneiras.

Em um plano quantitativo, evocaremos as insuficiências do trabalho do ego de ambos os cônjuges ou de um dos dois, que não são compensadas pelo trabalho do outro. Podem relacionar-se com uma

ou várias realidades, o resultado sendo vivido como insatisfatório por um ou pelos dois parceiros, virtualmente conflitual com os movimentos projetivos hostis, o que conduzirá a um sofrimento conjugal.

Que entendemos por excessos do trabalho de casal? Podemos compreendê-los como um investimento predominante desse trabalho pelo ego de um dos cônjuges ou por ambos, em detrimento do trabalho individual. O que terá incidências individuais nefastas, em um tempo ulterior, com implicações conjugais. Pode tratar-se, por outro lado, do superinvestimento de uma ou de várias realidades em detrimento de outras, determinando um custo econômico aos efeitos potencialmente desorganizadores, por enfraquecimento ulterior do trabalho.

No plano qualitativo, consideraremos os aspectos sistemáticos e congelados, portanto pouco flexíveis e mobilizáveis, insuficientes no plano criativo, das modalidades de realização desse trabalho, quaisquer que sejam as realidades, corporal-sexual, psíquica ou sociocultural. Encararemos igualmente o trabalho de ligação entre essas três realidades que pode ser insuficiente ou excessivo, bem como o que assegura a coerência e a harmonização entre suas temporalidades próprias.

Esse trabalho de casal e seus fracassos nos conduzem inevitavelmente a interrogar-nos sobre as noções de normalidade e de patologia na vida de casal, sobre suas funções, sobre sua evolução ao longo do tempo individual e conjugal.

A cada um dos três registros de sua realidade correspondem algumas funções.

Além de suas *funções psíquicas* encarregadas de assegurar aos membros do casal satisfações diretas bem regressivas, de ordem narcísica, aquelas de aspirações simbiótico-fusionais, mas também de satisfações fantasísticas, mediante as identificações, masculina e feminina, tornadas possíveis pela mobilização da bissexualidade de

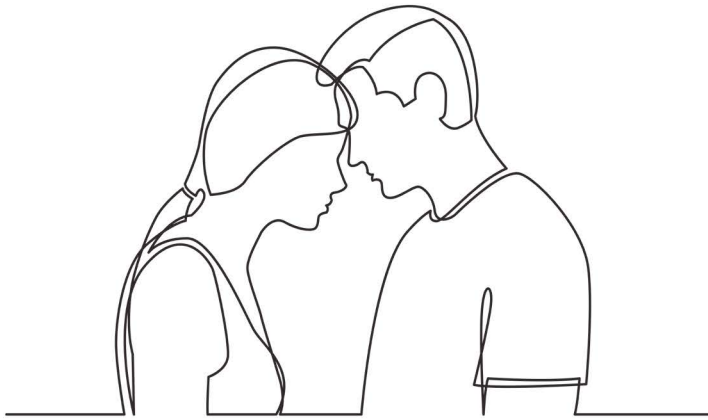
cada qual, o trabalho de casal responde igualmente a necessidades defensivas e protetivas com relação a perigos internos (pulsões pré-genitais, homossexualidade, pulsões de destruição, fantasias e angústias múltiplas, de ordem pré-genital e edipiana) e eternas (objetos persecutórios ou conflituais projetados), que são satisfeitas pela realização de alianças inconscientes defensivas. Além disso, ele permitiria, nos sujeitos de organização psíquica frágil, assegurar uma função “enquadrante” e estruturante, sugerindo a função de “ego auxiliar” da mãe para seu bebê. Contudo, uma das principais funções do trabalho de casal é igualmente favorecer uma certa durabilidade à vida conjugal, para além de toda forma de sofrimento (psíquico, social, corporal-sexual). Enfim, evocaremos a função reparadora de feridas narcísicas precoces em seus membros.

Suas *funções corporais-sexuais* consistiriam na proteção da organização psicossomática e no duplo investimento durável, narcísico e erótico, de seu próprio corpo e do corpo do outro, assim como o trabalho de casal possibilitaria satisfações sexuais, pré-genitais e genitais, erótica e agressiva, heterossexual direta e homossexual indireta, em um modo fantasístico, por identificação ao parceiro. Associaremos igualmente o reforço da identidade conjugal e o da componente sexuada da identidade de cada um dos parceiros.

Enfim, como já desenvolvemos, o casal, com seu trabalho, deve assegurar sua existência material e social, produzir seus meios para conseguir isso e satisfazer suas necessidades nesse domínio conjugal. Ele deve criar uma cultura conjugal conferindo ao casal modalidades específicas de existência e uma identidade singular. Quando o casal se torna parental, deve realizar um trabalho parental e familiar, um trabalho educativo em particular.

Enfim, o trabalho de casal deve conflitualizar esses três registros pelo estabelecimento de ligações dinâmicas e de investimentos economicamente equilibrados, de ordem libidinal e autoconservadora.

Tendo chegado ao final dessa rememoração, devemos agora abordar as experiências e tempos, prévios e fundadores, aqueles do amor e do estado amoroso, depois os tempos organizadores psíquicos da construção de todo casal, integrando evidentemente a historicidade e as diversas modalidades do trabalho de escolha do objeto conjugal.



Éric Smadja adota duas abordagens principais: primeiro, oferece uma exploração metapsicológica do trabalho de casal – nos níveis individual-intrapsíquico, intersubjetivo e grupal – investigando o amor, o estar apaixonado e as principais fases estruturais e organizadores psíquicos dos casais; em seguida, explora o trabalho da escolha do objeto conjugal e sua historicidade. Ele também introduz e desenvolve noções úteis, como a de neurose intertransferencial em ação no nível intersubjetivo. Smadja prossegue repensando o trabalho psicanalítico com casais, com referência às contribuições de destacados psicanalistas, analistas de grupo e analistas de casal franceses. O livro destaca aspectos específicos do trabalho com casais, como a criação de uma situação analítica própria – “o grupo terapêutico” – e, em seguida, considera os benefícios e os efeitos esperados desse tipo de prática.

Com material clínico proveniente do trabalho do autor ao longo da obra, *Trabalho de casal, trabalho com casais* será de grande interesse para psicanalistas e clínicos com formação psicanalítica que atuam com casais.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2711-3



9 788521 227113



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Trabalho de casal, trabalho com casais

Éric Smadja

ISBN: 9788521227113

Páginas: 240

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
